



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

LA HISTORIA AL REVÉS: O DIALOGISMO ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA E MEMÓRIA NO TEXTO GALEANO

LA HISTORIA AL REVÉS: THE DIALOGISM BETWEEN HISTORY, LITERATURE AND MEMORY IN GALEANO'S TEXT

Eliane Aparecida da Costa Soares¹ (UEG – Câmpus Coralina)
Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves² (UEG – Câmpus Coralina)

Resumo:

A densa trajetória de mulheres e homens enquanto sujeitos sociais é profundamente marcada por questões discursivas, pela construção ininterrupta de diálogos múltiplos que vão se entrelaçando e dando forma aos complexos contextos culturais e sociais. Esses diálogos concretizam as relações, passadas e presentes, ligando tanto os sujeitos que delas participam como os que deles descendem. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo compreender como se dá o dialogismo entre História, Literatura e memória na tessitura composicional e seus desdobramentos na obra em análise. A metodologia adotada contou com a revisão bibliográfica, almejando uma fundamentação teórica que propicie o desvelamento do tema apresentado. Os diálogos dos acontecimentos históricos-sociais, quando preservados na memória do coletivo, seguem atravessando as gerações futuras e mantêm vivas as posturas de resistência na tentativa de que eventos históricos traumáticos como os das ditaduras não se repitam. Nessa urdidura, o escritor Eduardo Galeano registra em seu livro *Memória do Fogo: o século do vento* (1998) memórias das ditaduras da América Latina que não foram contempladas pela História oficial. Por consequência, estabeleceu um forte dialogismo com os sujeitos atingidos pelas ações deste período sombrio. Nos registros literojornalísticos de sua obra, ele preserva a memória dos acontecimentos não ouvidos por essa historiografia oficial, possibilitando que eles continuem ecoando na memória das gerações presentes e futuras num anseio humano de que as histórias desta barbárie não se repitam no futuro.

Palavras-chave. Dialogismo. História. Literatura. Memória.

Abstract:

Our trajectory as subjects is deeply marked by discursive issues, by the uninterrupted construction of multiple dialogues that are interwoven and give shape to complex cultural and social contexts. These dialogues concretize our past and present relations, connecting both the subjects who participate in them and those who descend from them. The dialogues of the social-historical events, when preserved in the memory of the collective, continue through future generations keeping alive the postures of resistance in an attempt to prevent the repetition of traumatic historical events such as dictatorships. In this warp, the writer Eduardo Galeano, in his book *Memoria del Fuego: el siglo del viento* (1998), records memories of Latin American dictatorships that were not contemplated by official history, establishing a strong dialog with the subjects affected by the cruel actions of this dark period. In the literary and

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. E-mail: eli_pontal@hotmail.com.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina. E-mail: ricardo.goncalves@ueg.br.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

journalistic records of his work, he preserves the memory of events that have not been heard by official historiography, making it possible for them to continue echoing in the memory of present and future generations in a human yearning for the stories of this great barbarity not to be repeated in the future. The research aims to understand how the dialogism between History, Literature, memory, and forgetfulness occurs in the compositional texture and its unfoldings in the work under analysis. The methodology adopted will rely on a bibliographic review, aiming at a theoretical foundation that provides the unveiling of the theme presented.

Key words: Dialogism. History. Literature. Memory.

Introdução

Eduardo Galeano, na obra *Memória do Fogo: o século do vento* (1998), propõe-se a (re)contar a história de poder e dominação exercida, primeiramente, pelos colonizadores e, depois, pelos regimes governamentais instalados em países da América Latina. Todavia, ao narrar os fatos, o escritor subverte o discurso oficial, ao fazer despontar na trama narrativa os outros protagonistas dos eventos, agentes históricos que confrontaram as forças dominantes, resistindo com bravura aos objetivos de controle traçados por essas autoridades.

Pollak (1989) esclarece que, ao privilegiar o estudo e a análise da história oral dos menos favorecidos, classe que sofre os maiores impactos nos momentos de crise social, o pesquisador traz à tona:

[...] a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, ressaltando a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à *memória oficial*, no caso a memória nacional, [...] de caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva (POLLAK, 1989, p. 04, grifo nosso).

Nesse viés, o escritor parte da versão historiográfica dos acontecimentos, contida nos documentos oficiais e, através da memória individual ou coletiva desses povos, colhida de relatos orais, testemunhos e outras fontes, ressignifica o percurso histórico dos países/nações latino-americanos. Ao proceder assim, objetiva preencher as lacunas/silêncios deixados pelo tratamento científico e documental dos fatos.

Ainda, na composição da (re)leitura história dos fatos, Galeano utiliza como ferramenta o texto literário, por compreender que “[...] a literatura transmite conhecimentos, age sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe, e nos ajuda a nos conhecermos melhor, para nos salvarmos juntos” (GALEANO, 1990, não paginado).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Dessa forma, a urdidura narrativa está composta pela História, como ciência, pela Literatura, como a arte da palavra e pela memória, elemento catalizador das ações e vínculos sociais do homem, em um espaço e tempo determinados. Esta estrutura discursiva está permeada pelas relações dialógicas, conceito cunhado por Mikhail Bakhtin, que confere ao tecido composicional a unidade e, conseqüentemente, o encadeamento entre as proposições citadas.

Outro aspecto que salta aos olhos na contextura da obra é o anseio do escritor uruguaio em construir ou resgatar a memória dos povos da América Latina, em relação ao passado de dor, sofrimento e enfrentamento às lideranças políticas, que buscaram e buscam impor o domínio econômico, político e social sobre as classes menos favorecidas. Tal preocupação se justifica dada à ameaça de apagamento/esquecimento, natural ou provocado, pela ausência de memória das realidades negligenciadas pelos regimes políticos de cada nação.

Diante do exposto, a pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o dialogismo entre História, Literatura e memória, na tessitura composicional e seus desdobramentos na obra em análise.

A pesquisa, visando à sistematização do estudo, está dividida em dois tópicos: a teoria bakhtiniana e a composição da obra *Memória do Fogo: o século do vento*; o ontem e o agora como pilar na construção do amanhã e as considerações finais.

1 A teoria bakhtiniana e a composição da obra *Memória do Fogo: o século do vento*

Eduardo Galeano foi um sobrevivente do conturbado e penoso período ditatorial ocorrido em países da América Latina entre os anos de 1964 a 1985. Desde muito jovem se sensibilizou e se posicionou contrário às políticas de governo, que sempre privilegiavam os abastados e negligenciavam e excluía os menos favorecidos da sociedade, acentuando dia após dia o fosso existente entre as classes sociais.

Os anos de militância como jornalista, as perseguições, a violência, as opressões, o cerceamento da liberdade de expressão e o duplo exílio, decorrentes do engajamento social de Eduardo Galeano, imprimiram na alma e no coração do autor-pessoa chagas profundas, mas também a maturidade, a sensibilidade, a solidariedade com a causa das demais vítimas do terrorismo de Estado em países latino-americanos. Esse novo sujeito, moldado no sofrimento, se vê impulsionado a unir sua dor e sua voz a de outros que como ele padeceram do mesmo mal



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

para juntos, denunciarem ao mundo a “verdade escondida a sete chaves”, dentro de gabinetes, igrejas, prisões clandestinas e atrás de muros.

O escritor encontrou na literatura o instrumento de poder capaz de revelar essas realidades: as dores, as ausências, as carências, os silêncios, o estranhamento, as machucaduras provocadas por um sistema que não cumpria com o papel a ele confiado, mas excluía e oprimia. Através da arte da palavra, o uruguaio deu vazão aos monstros que, apesar de aprisionados, atormentavam os dissidentes, oprimindo-lhes o espírito e, no texto histórico-literário, uma maneira de narrar os eventos, tais como eles ocorreram, sob o prisma daqueles que viveram na pele e no espírito os horrores das perseguições, torturas ou perda de um ente querido sequestrado e/ou desaparecido pelos grupos de repressão ditatorial.

A veia literária em Galeano pode ser observada após o exílio do seu país de origem e, posteriormente, da Argentina, lugar escolhido pelo autor para se refugiar das ameaças sofridas contra sua vida pela ditadura militar uruguaia. É na produção posterior a esse período que constatamos a transição do estilo jornalístico do escritor, composto por uma linguagem referencial, objetiva, clara e direta em textos investigativos e de denúncia contra os despautérios praticados pelos detentores do poder em países da América Latina, para uma linguagem subjetiva, permeada por recursos linguísticos e literários, que conferiram maior expressividade e beleza aos textos do escritor. Textos esses breves e com uma grande carga semântica, variados gêneros literários e de difícil classificação, uma vez que para ele a literatura vai além de fórmulas ditadas e impostas pelo cânone literário:

A compartimentação da atividade criadora tem ideólogos especializados em levantar muros e cavar fossas. [...] A literatura abrange, no entanto, o conjunto das mensagens escritas que integram uma determinada cultura, à margem do juízo de valor que pela sua qualidade merecem (GALEANO, 1990, não paginado).

O autor, após toda a experiência vivida e realidades testemunhadas sob o jugo de lideranças políticas, sociais, autoritárias e dominadoras, encontra na literatura um meio de revelar ao outro, seu semelhante, as realidades negligenciadas, promovendo por intermédio da arte literária a sensibilização e a necessidade de reflexão sobre tais situações, pois acreditava que:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ao interpretar a realidade, ao redescobri-la, a literatura pode ajudar a conhecê-la e a reinventá-la. E conhecê-la para depois reinventá-la é o primeiro passo necessário para começar a mudá-la: não há experiência de mudança social e política que não se desenvolva a partir de um aprofundamento da consciência da realidade (GALEANO, 1990, não paginado).

Para o escritor, a narrativa histórico-literária propicia ao leitor uma viagem a espaços temporais/atemporais e a contextos políticos, econômicos e sociais da história que não se presenciaram, não se vivenciaram por estarem guardados em um passado não muito distante, mas cujos reflexos estão presentes na vida da sociedade contemporânea e que necessitam serem (re)conhecidos, (re)lembrados, preservados e cultivados na memória coletiva, a fim de evitar que se repitam. Conforme seu ponto de vista, a literatura é esse recurso, visto fomentar a imaginação, promovendo um olhar diferenciado e uma real compreensão sobre a realidade e os discursos impregnados na sociedade de cada época.

A historiadora Sandra Pesavento defende que o texto literário permite ao leitor a apropriação de realidades intocadas pelo homem, em virtude da sua capacidade de adentrar espaços privados, restritos ao mundo simbólico, ao imaginário, à fantasia, à sensibilidade daquele que com ele se propõe a conhecer o real, por meio do texto ficcional. Para Pesavento:

A narrativa literária fala das verdades do simbólico, ou seja, da realidade do imaginário de um determinado tempo, deste real construído pela percepção dos homens, e que toma o lugar do real concreto. Neste mundo verdadeiro das coisas de mentira, a literatura diz muito mais do que outra marca ou registro do passado. Ela fala do invisível, do imperceptível, do apenas entrevisto na realidade da vida, ela é capaz de ir além dos dados da realidade sensível, enunciando conceitos e valores. A Literatura é o domínio da metáfora da escrita, da forma alegórica da narrativa que diz sobre a realidade de uma outra forma, para dizer além (PESAVENTO, 2003, p.40).

Todo o processo, desencadeado por essa expressão artística, resulta na humanização do sujeito, na consciência do outro, isto é, [...] “o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (COMPAGNON, 2009, p. 49). Ou como nos ensina Marcel Proust: “Somente pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é igual ao nosso, e cujas



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua” (PROUST, 2002, p. 245).

Diante do exposto, o escritor uruguaio em *Memória do Fogo: o século do vento*, serve-se da narrativa histórico-literária, do real e do ficcional, para narrar os acontecimentos ocorridos no período ditatorial na América Latina. Promove, assim, a releitura e a ressignificação desses momentos traumáticos vivenciados por esses povos, como o objetivo de escrever nos espaços em branco, nas lacunas deixadas pela história oficial, seja pelo desconhecimento, seja pela omissão, a participação de agentes que transformaram o rumo histórico dessas sociedades.

Ao estudar a teoria do discurso do filósofo russo Mikhail Bakhtin, é possível identificar um elemento fundamental na composição da narrativa e na efetivação da linguagem na obra *Memória do Fogo: o século do vento*, o qual contribui para a compreensão e validade do texto galeano, o dialogismo, como bem explanado pelo criador do conceito: [...] para o prosador, à sua volta abre-se um multidiscurso social, uma torre de Babel que se manifesta ao redor de qualquer objeto; a dialética do objeto entrelaça-se com o diálogo social circunstante.

Assim, é patente o dialogismo entre a narrativa galeana e os fatos históricos ocorridos no período da ditadura militar na América-Latina, uma vez que não pode ser detectada em seu texto a negação quanto aos registros históricos existentes, mas, sim, o relato de acontecimentos, a inserção de personagens, que preencheram os espaços vazios, as lacunas deixadas pela narrativa histórica, assim como uma visão distinta do desenrolar dos acontecimentos, cujo centro se desloca da visão do opressor para a do oprimido. O exercício do (re)contar, a partir de outro ponto de vista, as narrativas da história, tem, em si, uma grande carga dialógica, uma vez que esse recontar sempre acontece a partir da refração de acontecimentos reais processada pelo sujeito enunciador.

Na narrativa galeana, a história de vida do autor tece uma estreita relação dialógica com a das demais vítimas desse fatídico momento histórico, ao passo que, ao relatá-las, o autor vai se revelando, reconhecendo-se como partícipe da ação de homens e mulheres que não se sujeitaram ao autoritarismo de forças políticas militares, interferindo com sua luta no destino histórico dos países latino-americanos.

Ainda, ao relatar o sofrimento, a violência e a coerção sofridas por agentes históricas femininas, que não só foram alvos da repressão militar no período, mas atuaram com força e determinação na mudança do curso desse processo, Galeano contribui, significativamente, na



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

reordenação dos eventos passados através do dialogismo. Ao proceder assim, atribuiu a essas heroínas seu papel e seu lugar de direito no curso das transformações histórias sofridas em decorrência de seus atos.

Dessa forma, o escritor traz à luz, através do discurso literário, fatos e sujeitos outrora esquecidos pelo relato oficial, corroborando com a afirmação feita por Bakhtin (1990), acerca do discurso literário e de sua função dialógica presente nos diferentes enunciados linguísticos do contexto ditatorial. “[...] A representação literária, a ‘imagem’ do objeto, pode penetrar neste jogo dialógico de intenções verbais que se encontram e se encadeiam nele; ela pode não abafá-las, mas, ao contrário, ativá-las e organizá-las. [...]” (BAKHTIN, 1990, p. 87, grifo do autor).

Na escrita galeana, esse jogo dialógico é produzido pelo testemunho de agentes históricos, como Domitila, mineira boliviana, ou as Mães e Avós da Praça de Maio, na Argentina. Essas mulheres representam todas as outras que, em diferentes países latino-americanos, também experienciaram o terror praticado pelo governo militar da época e trazem no peito as feridas abertas dos traumas vividos. Bakhtin (1990) atesta que a efetivação do processo dialógico se dá na interação com o outro, com os discursos de outrem:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1990, p. 88).

Além do dialogismo entre História e Literatura, há outra relação dialógica que permeia o discurso narrativo na obra: o diálogo entre Literatura e memória, visto ser da memória que Galeano extraiu os relatos orais e testemunhos dos sobreviventes, para a composição do texto literário, visando fornecer a ela, a memória, a substância necessária contra um mal latente do século XXI, o esquecimento. Bakhtin (2011) salienta que:

Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, sem seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (BAKHTIN, 2011, p. 410).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Outro aspecto salientado é o interlocutor que compõe, juntamente, com o narrador a obra literária, pois este relata os fatos para um leitor ativo, situado em um espaço atemporal, que caminha lado a lado com ele ao longo da narrativa, inteirando-se da real versão dos fatos apresentados a cada novo capítulo pelo autor, “[...] o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica” (BAKHTIN, 1990, p. 88-89). Através dessa relação, o leitor vai tecendo entre o passado histórico e o presente vivido as relações dialógicas que dinamizam sua compreensão e apreensão dos fatos apresentados.

Na composição do relato, o narrador, ao mesmo tempo em que conta os acontecimentos ao leitor, também vai apresentando a ele o contexto político e social em que se desenvolveu cada evento, os atos de enfrentamento e resistência vivenciados pelas personagens, bem como os valores e crenças impressos na relação eu-outro na urdidura da trama. Ainda, narra a ideologia e práticas da classe dominante, objetivando oportunizar ao leitor, ao término dos relatos, a reflexão sobre o que lhe foi relatado no decorrer da obra, corroborando com a seguinte assertiva: “Em outras palavras, o homem precisa de outro homem para que possa tomar consciência de si: tudo que me diz respeito veio do mundo exterior por meio das palavras do outro” (PIRES; KNOLL; CABRAL, 2016, p. 120).

Assim, é inegável o dialogismo que o autor estabelece com o contexto histórico ditatorial, com a memória dos agentes históricos da época, com seus interlocutores e com as gerações de ontem, hoje e amanhã na obra *Memória do Fogo: o século do vento*. Isso propicia ao leitor o (re)visitar, o (re)apropriar-se de uma fase da história da humanidade que urge ser conhecida e apreendida neste início do século XXI, visando promover a análise crítica dos fatos e das lutas travadas por nossos semelhantes, na busca pela democracia, bem como o papel e função social de cada um a fim de impedir que tais barbáries se repitam.

2 O ontem e o agora como pilares na construção do amanhã

Desde os primórdios da civilização, a construção dos tempos presente e futuro está diretamente agregada à memória e à história dos antepassados, os quais transmitiam às gerações futuras suas vivências, conhecimentos e descobertas realizadas no espaço temporal vivenciado.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Essas fontes, de ordem prática ou moral, direcionavam e orientavam os seres humanos em relação aos erros a serem evitados e os acertos a serem preservados no percurso seguinte.

Assim, a memória é o elemento catalizador das experiências humanas vividas por um grupo/nação na construção dos mecanismos balizadores de sustentação da vida em comunidade e disseminados, no decorrer dos anos, às gerações futuras. Rossi (2010), citando o conceito criado por Aristóteles, afirma que:

A memória precede cronologicamente a reminiscência e pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada (ROSSI, 2010, p. 15-16).

Le Goff, historiador francês, contribui com a conceituação feita pelo filósofo grego ao explicitar que “[a] memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

Com base nas palavras do historiador, é possível deduzir que a escrita histórica desse início do século XIX, apesar de ser intitulada por seus adeptos como objetiva e pautada na análise dos fatos reais, não buscou no passado uma forma de compreender o presente e projetar o futuro, mas, sim, construir uma outra história em que fatos e realidades foram privilegiados em detrimento de outros. Le Goff (1990) explicita que, baseado em tal método, “[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelas que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1990, p. 535).

Maurice Halbwachs discute “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 07), segundo a qual somente a partir da análise do contexto social e histórico em que o indivíduo está inserido, é possível investigar o fenômeno de composição e recordação das lembranças. Do mesmo modo, destaca-se sua relevância no processo de reconstrução da memória, uma vez que a construção do sujeito não se dá na individualidade, em virtude da sua natureza como ser social



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

e, como tal, suas memórias são frutos da vivência comunitária, lugar fecundo para o ressoar de suas lembranças.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Segundo Halbwachs (1990), a memória individual é formada desde os primeiros anos de vida do sujeito pelo registro de fatos e realidades vivenciadas, que de alguma forma imprimiram marcas significativas em sua consciência, sejam elas na família, com os amigos, vizinhos, na escola, na comunidade e/ou em tantos outros grupos dos quais o indivíduo participa no decorrer de sua existência. Contudo, essa memória não é constituída do nada e nem de um ato solitário, mas sim dos laços afetivos e sociais que vão se entrelaçando com outros grupos e realidades ao longo do percurso, entretanto, só encontra completude no meio onde as relações se concretizam, isto é, no ambiente das interações sociais, na coletividade, "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios" (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Com base nisso, constata-se que a memória é um produto da interação social que se efetiva e eterniza no ato discursivo de interação coletiva. No entanto, de acordo com Silva (2016), Halbwachs “[...] não descarta a memória individual, que pode ser pensada como ‘memória ressignificada’ ou seja, a interferência da subjetividade do indivíduo no processo de rememoração. Não desconsiderando, então a atuação do sujeito” (SILVA, 2016, p. 252-253, grifo do autor).

Michael Pollak, estudioso da temática, salienta que “[...] a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201). Logo, à medida que o indivíduo vai vivendo novas experiências e participando de outros grupos sociais, essa memória passará por mutações que, gradativamente, irá solidificando a identidade do “eu-sujeito”.

De acordo com Pollak (1992), a memória é um fator preponderante na constituição e reconhecimento do sujeito enquanto pessoa e membro de uma coletividade, visto que:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Para o sociólogo, a construção da identidade é um processo que se dá na troca com o outro, pois, à medida que o indivíduo vivencia e compartilha com seus pares o conhecimento adquirido no decorrer dos anos vividos, ele vai se constituindo como parte de um todo, processo que resulta no sentimento de pertencimento a um grupo, comunidade ou nação. Assim, segundo Pollak, “[a] construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 204). A partir do exposto, restamos a seguinte indagação: como a memória coletiva é transmitida de geração a geração?

Desde o início da história da humanidade, o ser humano teve a necessidade de transmitir seus sonhos, recordações, projetos e realizações, encontrando no ato de contar histórias, seja de forma verbal ou não verbal, um modo de concretizar esse anseio. Resulta desse ato de partilha a continuidade da sua história de vida e a de seu povo.

Em *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Walter Benjamin expõe que “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

A memória é gestada e reproduzida através desses relatos orais, sendo ela um “fenômeno construído”, (POLLAK, 1992, p. 204), e transmitido às novas gerações por seus antepassados acerca de seus valores, crenças, costumes, tradições culturais ou de um dado contexto histórico e social vivido. “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa” (POLLAK, 1992, p. 204). Por conseguinte, necessita ser transmitida e cultivada no meio onde as relações são efetivadas.

Desta forma, de narrativa em narrativa, o ser social vai rememorando e compartilhando as práticas vividas, deixando impresso naqueles que estão a sua volta o seu ponto de vista sobre os fatos narrados. Ademais, é marcado pelas histórias e testemunhos daqueles com quem



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

comunga das mesmas crenças e valores, ressignificando, assim, o tempo presente e projetando o futuro, num processo contínuo e recíproco de construção coletiva e perpetuação histórica.

Essa percepção da memória como produto social é endossada por Bakhtin (2002) em seus estudos sobre a teoria da linguagem.

As tradições culturais e literárias (inclusive as mais antigas) se conservam e vivem não na memória individual e subjetiva de um homem isolado ou em algum “psiquismo” coletivo, mas nas formas objetivas da própria cultura (inclusive nas formas linguísticas e verbais), e nesse sentido elas são intersubjetivas e interindividuais (consequentemente, também sociais); daí elas chegam às obras literárias, às vezes quase passando por cima da memória individual subjetiva dos autores (BAKHTIN, 2002, p. 354).

Eduardo Galeano, ao compor a memória feminina no livro *Memória do Fogo: o século do vento*, referente ao período de ditadura militar nos países da América Latina, vale-se de diferentes fontes históricas para compor sua obra. Contudo, são nos relatos orais, nas histórias de vida contadas de boca em boca, os testemunhos pessoais, principalmente, que sua narrativa literária se constrói.

Galeano, um contador de histórias vividas, a fim de validar os relatos que compõem o texto, organiza os acontecimentos em ordem cronológica, atribuindo nome a cada agente histórico, bem como os feitos por ele realizados. Essa estratégia discursiva faz emergir, através do discurso ficcional, a voz enunciativa das personagens arroladas na trama, visto serem elas próprias a testemunharem a verdade dos dramas aos quais foram sentenciadas pela crueldade e desejo de dominação das forças armadas de cada país de origem.

No discurso produzido, à medida que vai contando a saga desses povos, o autor revela também valores, costumes, tradições culturais, compondo assim um quadro rico em detalhes da vida real de uma gente, que viveu e morreu em defesa do outro e da pátria. “Os detalhes lutam pela presentificação do passado para tornar presentes os valores que, nesse passado, foram atacados por uns e defendidos por outros” (SARLO, 2016, p. 42). A citação a seguir dá uma mostra dessa abordagem no texto:

Festa de São João

Os mineiros bolivianos são filhos da Virgem e sobrinhos do Diabo, [...] ao sair do socavão, os mineiros buscam a festa. Enquanto dure a breve vida e queiram as pernas mover-se, é preciso comer guiso apimentado e beber bebida forte, e



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

cantar e dançar à luz das fogueiras que esquentam a planície deserta. Nesta noite de São João, enquanto acontece a melhor das festas, o exército se esconde nas montanhas (GALEANO, 1998, p. 255).

Essa riqueza de detalhes contribui, no ato da leitura, para que as informações penetrem no intelecto do sujeito, transportando-o às cenas representadas e seus desdobramentos. O leitor sensível, crítico, parte em busca de um maior aprofundamento das questões suscitadas, ressignificando o texto. Toda essa atividade produz nele uma memória, que, certamente, será reproduzida a outro, e outros, sucessivamente. Sarlo (2016) assegura que é nesse processo que o autor da obra literária fornece subsídios para a formação e a manutenção da memória:

A relação entre memória e esquecimento pode-se objetivar num discurso, mas, para que a relação exista, deve também existir o documento capaz de dar à memória pelo menos a mesma força do esquecimento: o documento que se imponha como pilar da memória e que a memória tende, inevitavelmente, a rejeitar (SARLO, 2016, p. 41).

Ao abordar esses temas e realidades, Galeano vivifica as memórias, individuais e coletivas, adormecidas pelo tempo, assim como fornece dados para a criação de novas memórias nas gerações contemporânea e futura, estratégia fundamental para que elas se perpetuem do imaginário das civilizações.

Considerações finais

Ao analisar a obra *Memória do Fogo: o século do vento*, foi possível constatar que a composição textual está assentada em três pilares basilares: a História, enquanto ciência, e a Literatura, como arte da palavra, tendo ambas como objeto de estudo as relações do homem ao longo do tempo; a memória como guardiã e perpetuadora dessas relações.

Concluimos ainda que nessa imbricada construção narrativa há uma teia de relações dialógicas, que atravessam o narrador ficcional e os protagonistas da trama, evidenciando-se, assim, o diálogo entre o eu e o outro, numa interação marcada pela cadência que assinala o encontro das subjetividades outras. Ainda, essas mesmas relações asseguram o objetivo maior do escritor uruguaio, que é a construção e preservação da memória coletiva através do texto histórico literário.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Referências

- BAKHTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. (Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al). 7 ed. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1990 [1934-1935].
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- GALEANO, Eduardo. **A descoberta da América (que ainda não houve): Dez erros ou mentiras frequentes sobre Literatura e Cultura na América Latina**. 2. ed. Trad. Eric Nepomuceno. Comentário e Hipertexto: Renata Fraga dos Santos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990. Série Síntese Universitária.
- GALEANO, Eduardo. **Memória do fogo III: o século do vento**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM. 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, 2003.
- PIRES, V. L.; KNOLL, G. F; CABRAL, E. **Dialogismo e Polifonia: dos conceitos análise de um artigo de opinião**. Letras de Hoje, Porto Alegre, 2016.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro. Ediouro, 2002.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Maulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. (Org.) Sergio Miceli. Tradução Mirian Senra. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SILVA, Giuslane Francisca da. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016.